

# O grito solitário das multidões: uma poética de vozes em luta para vencer o silêncio

*Le cri solitaire des foules: une poétique  
des voix en lutte pour déjouer le silence*

**Maria de Fátima Berenice da Cruz\***  
Universidade do Estado da Bahia

\*Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia, Graduada em Letras Vernáculas pela UNEB, Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela UEFS, Doutora em Educação pela UFBA, Pós-Doutorado em Estudos Literários pela UFS, membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Líder do Grupo de pesquisa GEREL. Publicou dentre outros livros, *Leitura literária na escola: desafios e perspectivas de um leitor* (2012); *Um nordeste literário em verso e prosa* (2020) e organizou *Educação em tempos atuais: experiências e desafios no exercício da docência* (2017); *Letramentos, identidades e formação de educadores* (2018); *Letramento e tecnologia em pesquisa na formação do educador* (2020) e *Letramentos, identidades e formação de educadores: pesquisa, formação e práxis pedagógica* (2020). E-mail. [fatimaberenice@terra.com.br](mailto:fatimaberenice@terra.com.br)

**Resumo:** Neste momento pandêmico em que o silêncio se torna fator preponderante para repensarmos a vida e a morte, eis que surge uma obra poética de forte impacto reflexivo sobre a nossa história, memória e existência. *Voices em Luta: poemas para vencer a solidão* (2020) convida o leitor a refletir sobre a condição de ser humano a partir de sua imersão pessoal. Desse modo, este artigo analisa a poética de Lícia Soares de Souza, tomando como fundamento para a análise um diálogo com dois temas presentes nos estudos de Jean-Paul Sartre, a náusea e a angústia. O livro é composto de 51 poemas; contudo, para uma eficaz consecução metodológica, foi feito um recorte de amostragem para uma melhor imersão temática.

**Palavras-chave:** Angústia; Náusea; Solidão.

**Résumé:** En ce moment pandémique, où le silence devient un facteur prépondérant pour repenser la vie et la mort, voici une œuvre poétique d'un fort impact réflexif sur notre histoire, notre mémoire et notre existence. *Voices in Struggle: poems to overcome loneliness* (2020) invite le lecteur à réfléchir sur la condition d'être humain à partir de son immersion personnelle. Ainsi, cet article analyse la poétique de Lícia Soares de Souza, basée sur un dialogue avec deux thèmes présents dans les études de Jean-Paul Sartre, la nausée et l'angoisse. Le livre est composé de 51 poèmes. Cependant, pour une réalisation méthodologique efficace, un découpage d'échantillonnage a été fait pour une meilleure immersion thématique.

**Mots-clés:** Angoisse; Nausée; Solitude.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. O grito solitário das multidões: uma poética de vozes em luta para vencer o silêncio. *Légua & Meia*, Brasil, v. 13, n. 1, p. 44-54, 2021.

## O silêncio pandêmico: isolar para viver

Vencer a morte é reconstruir a vida com palavras. A História e a Memória se instauram nas palavras para que as vozes humanas se atemporalizem, transformando-se em antídotos contra a opressão. Este pensamento me conduz a navegar pelas águas poéticas da obra *Vozes em luta: poemas para vencer a solidão* (2020) da escritora Lícia Soares de Souza, lançado no momento em que enfrentamos um fenômeno pandêmico de grandes proporções; e como um sopro de vida, a obra se apresenta como um equilíbrio entre a dor da ausência e o poder da presença artístico-poética na vida humana.

O ano de 2020 foi marcado por um fenômeno sanitário sem precedentes que gerou uma ação patogênica de grande calamidade, contaminando populações em todos os continentes do mundo, causando a morte e alteração na saúde de milhões de pessoas. Pouco ou quase nada sabíamos da ferocidade do vírus em sua jornada de propagação e mortalidade. Frente à velocidade da disseminação e ao grande número de ocupação de leitos hospitalares com a incidência frequente de óbitos, o mundo adotou o isolamento e o confinamento social como medidas paliativas para conter o avanço do vírus.

As medidas tiveram grande impacto na vida social, pois não se tratava apenas de isolar pessoas; o processo estabelecia/estabelece nova ordem de vida que altera padrões socioemocionais e econômicos. Assim, em decorrência do avanço da COVID19 no mundo, a OMS declarou o estado de Pandemia global e, obrigatoriamente, todas atividades humanas foram suspensas. Após 102 anos da última pandemia, não havia registros na memória do sujeito contemporâneo de que fosse possível confinar-se, isolar-se e distanciar-se do seu semelhante. O ser humano é naturalmente um ser gregário, e por isso o afastamento nos transformou em seres solitários e silenciosos.

É exatamente nesse contexto de solidão e silêncio que ecoa a poesia de *Vozes em luta: poemas para vencer a solidão* (2020). Obra lançada em meio a dor da perda, da separação e da solidão, nos conduz a lembrar das palavras de Jorge Luis Borges ao dizer: “sentimos a poesia como sentimos a presença de uma mulher, uma montanha ou uma baía. Se ela é sentida de imediato, por que diluí-la em outras palavras, que certamente serão mais frágeis do que nossos sentimentos?” (1983, p.126). É portanto, guiada pelo pensamento de Borges que me debruço sobre a obra *Vozes em luta* para

sentir através da sua tapeçaria linguística, a força do diálogo entre história e memória presente nos poemas.

Na condição de passaporte para o porto da história, a memória vence o silêncio e instaura o grito libertador de todas as dores vividas pelo sujeito. A memória é para o indivíduo um arquivo no qual foram armazenados sentimentos, vontades, sensibilidades, existências moral e política. Desse modo, a memória seja oral ou escrita se constitui como uma força social que permite ao povo conhecer o seu passado.

Nesse sentido, o poeta tem um papel fundamental, pois imprime, através do texto poético, um caráter sagrado entre o fato estético e a memória. Assim, se faz ingente questionar: o fato estético suplanta a memória histórica ou eles se fundem? Este questionamento soa mais como uma provocação do que mesmo uma necessidade de resposta objetiva. Contudo, se faz mister discutir a força que o fato estético exerce sobre o leitor, visto que ele, inopinadamente, provoca o alívio para os males e dores sofridos pelos mortais. A eficácia da poesia sobre o ser humano se dá porque ela é sustentada por recursos psicológicos que integram o canto ao corpo. Os dedos do poeta são usados para marcar o ritmo da memória em consonância com a história e o texto. É nessa organização rítmica que história e memória se transformam em poesia.

É exatamente essa fusão artístico-histórica que define a composição poética *Vozes em Luta*. Contudo, não basta apenas delinear traços sobre a obra; é preciso invadir o corpo do texto para perceber a fluência de suas artérias. Desse modo, observamos que a poesia aqui referida não apenas nos conduz a pensar a memória e a história, mas também os fenômenos existenciais advindos desse contexto histórico-memorial. A poetisa Lícia Soares rasga as entranhas da história para capturar uma memória que ora se torna doce, ora se torna angustiada. É nesse ponto de observação que passamos a notar uma particularidade na poesia de Lícia Soares de Souza. Muito embora o exercício da linguagem se apresente em alguns momentos ao leitor como uma espécie de apresentação de fatos, na essência poética do texto percebemos uma escuta cuidadosa aos gritos do indivíduo.

Partindo desse pressuposto, e tentando criar uma leitura respeitosa de aproximação, visto que não possuo formação em filosofia, percebo que o exercício da linguagem produzido por Lícia Soares se aproxima de dois elementos temáticos do existencialismo sartriano, isto é, a náusea e a angústia. Entretanto, se faz mister

esclarecer que não classifico a poesia de Soares como uma escrita da filosofia da existência. Tomarei apenas dois temas que se fazem presentes na minha leitura cursiva<sup>1</sup> sobre a obra, e que entendo serem recorrentes ao longo da leitura dos poemas. Numa análise geral da obra fica evidente que, a concepção da existência histórica do sujeito aflora no instante em que o texto apresenta o seu estranhamento desconfortável (náusea) e a sua dor irreparável (angústia) diante dos acontecimentos vividos pela existência humana.

Assim, comungando com Sartre, reitero que a existência precede a essência, pois a nossa existência é que vai construindo a essência da vida. Quanto a náusea, entendo que é a sensação que emerge da presença sem sentido da vida (existência). E como afirma Sartre “para suportar a sua condição, a condição humana, precisa, como toda a gente, de muita coragem” (SARTRE, 1983, p. 74). Essa coragem se apresenta muito nítida logo no poema de abertura, intitulado *Menina acuada*, visto que o mundo desenhado por ela não cabe debaixo da mesa, pois a sua percepção de mundo transborda e escoia através do lápis para o universo do papel. O poema diz:

Embaixo da mesa,  
lápis na mão.  
Menina sozinha  
criando mundos  
correndo ruas,  
com muitos irmãos.  
Companheiros de imaginação  
saem cantando  
de seu lápis na mão.

O que mais a impressiona  
é multiplicar seu mundo,  
durante horas,  
embaixo dos quatro pés de uma mesa  
que parece ser uma nave,  
mais rua do que casa.

Na solidão do universo mesa a menina cria mundos que se multiplicam num ângulo reto dos quatro pés. E naquele solitário espaço, porém pleno de alegria, a menina consegue trazer a rua para casa e nesse instante a imagem da rua esbofeteia a sua angustiada solidão. As meninas negras saltitantes, que sem pudores melam o corpo com

---

<sup>1</sup> Sobre leitura cursiva ver a concepção de leitura subjetiva de Annie Rouxel.

o córrego dos esgotos, que pisam no lixo, que não contam as horas, revelam para menina da mesa a sua limitada liberdade, traduzida em solidão. Contudo, essa mesma imagem de liberdade e despojamento das meninas negras mostra de forma angustiada um destino impiedoso que as espera.

Numa imagem paradoxal, a menina acuada/amuada com o seu olhar cheio de náusea, enxerga o mundo externo pelo ângulo do seu mundo interno e traz para si as dores e os amores do mundo. Nesse instante a sua empatia requesta para si a linguagem do mundo como forma de revisão de si, do outro e do próprio mundo, representado através do grito angustiado das multidões. É possível ler esse movimento observador da menina através do olhar perquiridor de Sartre sobre o mundo ao afirmar: “Gostaria tanto de me abandonar, me esquecer, dormir. Mas não posso, eu sufoco: a existência me penetra de todos os lados, pelos olhos, pelo nariz, pela boca... E de repente, num instante, o véu se rasga, eu compreendi, eu vi” (SARTRE, 1983, p. 159).

O pensamento de Sartre nos conduz a pensar que a angústia é um elemento constituinte da condição da existência do sujeito. De forma inexplicável ela se impõe ao ser humano como um roedor da alma. E esta imposição vem de modo tão arbitrário, que a sua representação social é percebida pelo outro como exercício do egoísmo. Vemos isso claramente no poema *Minha mãe aguardava um novo ser* no qual, havia entre a menina e a mãe um pacto de cumplicidade, respeito e afeto. Contudo, eis que entre elas se interpõe um bebê como um elemento imprevisito, desprovido de interação e diálogo. Porém de forma ruidosa o bebê absorve toda atenção da casa e desperta na menina uma silenciosa e angustiada decepção. Por que o novo ser traz angústia? Ele não chegaria para acabar a sua solidão? Não. Para ela o bebê é fator de desequilíbrio, de afastamento e de exclusão.

A menina, porém, interrompe a solidão ao encontrar-se com a escola. Ela diz:

meninice móvel em escola  
ponte entre a casa e a rua  
correndo pulando cantando.

A menina sai da solidão do seu polígono convexo da mesa e se aventura no labirinto das ruas. Ela agora pretende conhecer gente de verdade e sentimentos reais. Ela percebe que na escola há gritos por liberdade, mas que há repressão dos desejos

também, imposta por autoritarismos obtusos. Contudo, nesse mesmo contexto de prováveis silenciamentos, eis que vozes infantis bradam para destruir o “orgulho nacional” de déspotas que não conhecem o significado de Povo e de Nação. E como nos diz João Ubaldo Ribeiro na voz de Maria da Fé: “O que é que vocês sabem sobre povo? O povo brasileiro somos nós. O poder do povo existe, ele persistirá” (RIBEIRO, 1984, p. 565). Essa mesma denúncia é claramente pontuada por Lícia Soares em seus poemas que misturam memória, história e uma profunda reflexão sobre a existência humana.

No poema *Escola* a jovem adolescente toma consciência dos enfrentamentos do porvir no instante em que percebe que o mundo real é mais dolorido do que os traços do seu desenho de infância feitos no aconchego seguro dos lados congruentes de uma mesa. O desenho agora é real e lhe causa náuseas ao presenciar em meio ao sonho escolar de adolescente a delação e o massacre de outras flores adolescentes, vítimas do AI-5. A menina que sonhou com a escola, percebe agora que nela é possível também que floresça erva daninha como a delação. E como nos diz o menino Pilar, personagem do *Conto de escola* de Machado de Assis: “Foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação” (ASSIS, 1997, p.548-554).

Mas a menina volta à mesa. Agora não mais embaixo. Sobre ela a jovem deambula por entre personagens históricas sentindo a angústia da desarmonia da existência, isto é, enquanto lia as narrativas heroicas elaboradas pela história oficial como representação de uma harmoniosa tranquilidade da nação, ela vivia numa história real, onde heróis eram abatidos pela mão da tirania. E diante dos gritos de “mortos e torturados com suas rouquidões cortantes” que adentravam aos ouvidos e à consciência da jovem, surge, portanto, a necessidade de revelar:

As ruas emudeceram.  
As escolas passaram a tremer.  
A casa abrigou temerária o resto dos meus sonhos.

No poema *Submeti minha mente à leitura*, o passado e o presente eliminaram a trincheira do tempo e inauguraram a fusão do tempo-memória. Com força visceral o poema declara:

Ninguém sabe o trabalho que me deu me manter viva  
a cada choque, a cada acontecimento.  
Declarei o fracasso de um mundo  
em que era difícil partilhar com outros.  
Só, tinha sido muito mais fácil.  
mais solidário!  
Era difícil perder seu mundo de camaradas virtuais  
e ter sua vida inteira dividida com humanos  
que eu não podia controlar.

Quando a poetisa declara que sozinha seria mais fácil, observa-se aí a descrença na partilha, assim como o abandono alimentado pelo descaso que o outro tem pelo seu próximo. Dessa forma é como se ouvíssemos as palavras de Antoine Roquetin, personagem de Sartre ao dizer: “Por um instante pergunto a mim próprio se não me tinha enganado com ela, se não é a sua verdadeira natureza que de súbito, me é revelada...” Como Antoine, o Eu lírico do poema percebe que seus personagens foram queimados e por isso perde por completo a confiança no ser humano. Observemos, portanto, a segunda estrofe do poema *Submeti minha mente à leitura*.

Muitas vezes falei alto em casa ou nas ruas,  
mas as palavras perdiam a graça,  
porque eu já tinha queimado meus personagens,  
imaginando que nossas folhas soltas  
tinham sido apenas  
uma terapia de criança abandonada.  
A verdade é que nunca mais tive confiança no olhar ou na palavra de  
nenhum ser humano.

A segunda estrofe revela a sua descrença no homem a partir do momento em que ela rompe com os sonhos construídos na infância. E dessa forma, resolve atribuir à existência a responsabilidade pelo roubo dos seus desenhos infantis de humano ideal. Nessa procura a jovem vai se autodevorar para encontrar o seu Eu. É nessa autodevoração que a jovem se prepara para voar de si e do mundo que a cercava. Em meio a esse contexto de medo e desejo, é que as palavras de Sartre nos aparecem com muita ressonância na leitura da obra *Vozes em luta*. Sartre diz:

Não posso dizer que me sinto aliviado ou contente, ao contrário, me sinto esmagado, só que meu objetivo foi atingido. Sei o que desejava saber, compreendi tudo o que me aconteceu. A náusea não me abandonou. E não creio que me abandone tão cedo. Mas já não estou

submetido a ela. Já não se trata de uma doença, nem de um acesso passageiro. A náusea sou eu. (SARTRE, 1983).

A autodevoração se torna fator fundamental para que o Eu lírico rompa com o universo da mesa, livre-se das amarras do tempo e encontre com o mundo lá fora. No poema *Fui me desviar do familiar* há um forte acento de libertação motivado pelo desconhecido, pelo imprevisível e pelo novo que se apresenta. Como podemos ver a seguir:

Já havia em mim  
signos de evasão,  
fontes ávidas para romper barreiras.  
Na espessura das trevas,  
por detrás do silêncio dos companheiros,  
me abandonei  
ao desconhecido.  
As curvas dos ventos  
foram me lançando para fora dos limites do lar.  
A vida se apresentando imprevisível,  
quase impalpável.  
Saí de casa livre das amarras do tempo,  
meus pais se desesperando,  
meu vocabulário se intimidando,  
mas deixei a vida confundir minhas direções,  
e abri minhas palavras  
para um voo certo ao país de Molière.

Entretanto, a conquista da liberdade não apaga as marcas “tatuadas de infância”. É o que podemos observar no poema *Errantes num velho mundo*, onde o Eu lírico exercita a sua desobediência epistêmica ao encontrar-se com as leituras de Sartre, Camus e Robbe-Grillet. Em outro momento, num franco diálogo com Sartre, o poema *Se te distancias, sinto náuseas em mim*, declara o seu repúdio ao aprendizado solitário, a vivência do tédio, pois agora o Eu lírico conhece o sentido do vazio e crê que só o amor é capaz de aplacar a dor.

E num tom carregado de angústia, o poema *O Brasil pós-ditadura era mais criminoso do que nunca* abre uma reflexão sobre um país que nasce das cinzas do horror, mas que ainda se sente fragilizado para iniciar uma nova caminhada.

Trouxe meus sorrisos guardados,  
mas era difícil sorrir e afirmar que não doía.

Foi preciso criar armaduras,  
descrever fragilidades,  
estampar graves feridas,  
apontar incômodos.  
Violência e desigualdade.  
É preciso muita coragem  
para poder decifrar essa teia de aranha venenosa,  
é preciso inspiração diferenciada  
pra manter um relacionamento  
com um mundo que se despenca,  
manchas de sangue de mão abertas  
em suas paredes.  
Se a angústia de perder  
é o que me mata,  
estive perto de triturar os meus afetos,  
e demolir todas lembranças  
que modelaram minha pessoa.

Contudo, o Eu lírico crê que a fragilidade pode se tornar a sua bravura; mesmo quando essa bravura emerge da possibilidade de apagamento de um sonho construído desde a infância, embaixo de uma mesa, em desenhos de uma menina gigante que construía o mundo da rua de forma ideal para uma vida real.

Assim, para finalizar esta reflexão, é pertinente a leitura do poema *Eu quis abraçar o mundo com os dedos*, visto que ele sintetiza para o leitor o impacto da escrita poética a serviço da reflexão. O poema nos conduz a perceber os dedos se estendendo pelo tecido textual e ganhando mundos a fora. Numa comunhão de forças, os dentes se unem a eles para juntos rasgarem o âmago da vida desumana. Dentes e dedos tornam-se a conjunção potente que enfrentará o tempo, a tirania, a angústia e a náusea.

Não te abales!  
Para além desta ferocidade assustadora,  
eu soprarei um ritmo,  
em que nossos dedos e dentes  
se empoderem,  
e atenuem as expressões de assombro deste tempo.

Essa força de escrita poética trazida por Lícia Soares, transforma angústia e náusea em dispositivos políticos e reflexivos no combate à cegueira, à tirania e à opressão perpetradas por maquinarias perversas que insistem em anular e aniquilar a potência criativa do ser humano. Só é possível combater esse jogo perverso que desenham para o sujeito, com a emancipação intelectual. E como afirma Sartre: “o

mundo escrito também me inquietava: às vezes, cansado dos suaves morticínios para crianças, eu me entregava, descobria na angústia possibilidades pavorosas, um universo monstruoso que não era senão o reverso de minha onipotência; eu me dizia: tudo pode acontecer! e isso significava: posso imaginar tudo (SARTRE, 2005, p. 100).

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **Obras completas, vol. II**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- BORGES, Jorge Luis. **Sete noites**. São Paulo: Max Limonad Ltda. 1983.
- RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020. (E-book).
- SARTRE, Jean-Paul. **A náusea**. Trad. de Rita Braga. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.
- SARTRE, Jean-Paul. **As palavras: Memórias**. Trad. J. Guinsburg. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2005.
- SOUZA, Lícia Soares de. **Vozes em luta: poemas para vencer a solidão**. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.
- ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de. **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.